

Álcool favorece novo perfil da indústria química

por José Casado

A cada período de cinco anos, a indústria química brasileira programa uma duplicação de sua capacidade de produção. Este quadro está-se repetindo neste começo da década de 80, a nível do planejamento setorial. Há razões substantivas para isso: a demanda interna de produtos petroquímicos — onde nasce 60% da receita global da indústria química brasileira — cresce à taxa média de 15% ao ano.

Mas, desta vez, o programa setorial de ampliação da capacidade instalada (8,4 milhões de toneladas, no ano passado) tem um perfil novo, moldado pela redução dos custos de investimento e pela reintrodução da tecnologia de processamento de uma matéria-prima nacional — o álcool de cana-de-açúcar — que tende a ter, para a indústria brasileira, um caráter de complementaridade à fonte convencional, o petróleo.

Neste setor operam aproximadamente 3 mil empresas, das quais perto de 500 são responsáveis por cerca de 80% da produção global. Esse conjunto industrial encerrou o exercício de 1980 com um faturamento de US\$ 15 bilhões e um ativo global de US\$ 10 bilhões, cujo controle está dividido entre o Estado (37%), grupos privados nacionais (34%) e companhias estrangeiras (29%) — de acordo com dados da Associação Brasileira da Indústria Química (Abiquim) e do Instituto Brasileiro de Petróleo (IBP).

O planejamento setorial para a década de 80, feito de forma conjunta pelas empresas e apresentado ao governo federal pela Abiquim, em fins do ano passado, abre ampla gama de oportunidades de negócios no setor.

Projeta-se um investimento de US\$ 9 bilhões, nos próximos dez anos, na duplicação da capacidade de produção de petroquímicos básicos (de 3,2 milhões para 6,4 milhões de toneladas/ano). Isto a partir de uma disponibilidade interna equivalente a 11 milhões de toneladas/ano de nafta e de 1,1 milhão de toneladas de álcool.

As empresas químicas mostram-se dispostas a levantar no mercado financeiro nacional 88% dos recursos necessários para o investimento. E anunciam que pretendem reservar cerca de 20% da capacidade instalada para o mercado mundial de petroquímicos básicos.

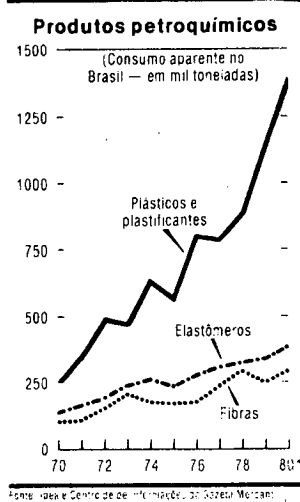
Essa nova etapa de expansão, explica Paulo Guilherme de Aguiar Cunha, presidente do grupo Ultra e da Abiquim, será marcada por um nível de custos de investimentos bem inferior ao verificado na década passada. "Isto porque vamos aproveitar, sobretudo, a infra-estrutura existente em Camaçari (na Bahia). Estamos partindo para uma complementação das linhas de produção já instaladas naquele pólo."

Tais projeções da Abiquim enunciam inúmeras novas oportunidades de negócios no ramo químico. Cunha, por exemplo, prevê gradativo deslocamento da massa de capitais acumulada pela indústria química de base para a indústria química "fina", a partir de meados desta década.

Este processo, na verdade, seria reflexo do quadro que se projeta para o mercado mundial, no começo destes anos 80. Atualmente, grandes conglomerados como Union Carbide, Hoechst, Bayer, Mitsubishi, Mitsui, Sumitomo e Basf, estão deixando a Europa para se concentrar no mercado dos Estados Unidos, dedicando especial ênfase às aplicações em química "fina".

Outros grandes grupos, como Dow Chemical e Monsanto, não apenas estão reforçando seus programas de pesquisa e desenvolvimento na área de síntese, como também estão ingressando em novo campo — muito promissor —, o da biotecnologia.

Está em curso, portanto, uma redefinição do perfil industrial do setor químico. E o Brasil, neste processo, surge como uma fronteira favorável para a expansão dos negócios, principalmente por causa da sua peculiar estrutura de refino que se projeta para meados desta década. O fato de o governo federal ter optado pelo estímulo à produção de álcool para atender ao consumo — e garantir o cresci-



mento continuado — da frota nacional de veículos sugere, pelo menos, uma razoável disponibilidade de frações naftênicas para a indústria, a partir de 1985.

O álcool, com seu caráter substitutivo à gasolina, deixa a indústria petroquímica brasileira numa posição confortável, na medida em que a libera da disputa com o setor automobilístico pela mesma fração naftênica do petróleo — ao contrário do que vem acontecendo em outros países. E, além disso, funciona como matéria-prima complementar em várias linhas de produtos básicos.

Ponderado o papel estrat-

tégico desse insumo nacional (tanto em termos de produção quanto em termos de competitividade de preços finais no mercado mundial), vislumbra-se uma etapa de investimentos maciços no desenvolvimento de tecnologias novas que, em última análise, constituirão o referencial do processo de transição da "era do petróleo" para outro tempo.

Alguns grandes grupos, a exemplo da Basf, Dow Chemical e National Distillers & Chemical Corporation, já têm planos definidos para lançamento no mercado nacional de novos produtos e tecnologias químicas, a partir do álcool.

A subsidiária brasileira do grupo Basf está instalando, no Estado de São Paulo, uma unidade-piloto para produção de aromáticos (xileno, tolueno e benzeno), usando o álcool como matéria-prima. O grupo Dow está desenvolvendo pesquisas em torno de nova "família" de bactérias, destinada especialmente a contribuir, de forma decisiva, para melhoria dos níveis de fermentação do álcool na etapa de destilação. Na mesma rota está o grupo National Distillers, que pretende habilitar-se junto ao governo brasileiro para fornecer tecnologia de fermentação do álcool, por via genética.